

adua guerra santos



VALE DAS ROSAS

NOVELA

«Nas alturas em que o reino humano me parece mais condenado ao peso, penso que como Perseu deveria voar para outro espaço. Não estou a falar de fugas para o sonho ou para o irracional. Quero dizer que tenho de mudar o meu ponto de vista, tenho de observar o mundo a partir de outra óptica, outra lógica, e outros métodos de conhecimento e de análise. As imagens de leveza que procuro não deverão deixar-se dissolver como sonhos pela realidade do presente e do futuro...»

Italo Calvino

Rév'toi ! madrugada a preto e branco, a hora em que a luz ainda não revela as cores, destino traçado, o velho murmura rezas enquanto visto as jelabas, de algodão para usar durante o dia com turbante, a de lã que pica com capuz pontiagudo para o frio da noite, Houri recrimina-me por ficar vaidoso quando os turistas não me reconhecem como um dos seus, mãos a tremer antecedem aventura, agora que estava a estabilizar, beijo tímido no ombro da odalisca antes de sair com o judeu a praguejar.

Camioneta azul bebé com sanefa de berloques coloridos no vidro da frente, solavancos ensurdecedores não permitem qualquer diálogo, o condutor empenhado em chocar com o Atlas que se aproxima como um enorme icebergue atravessado na vida, de vez em quando olha-me de lado «harr habibi» a música no rádio acompanha o barulho do motor. Quem viaja com destino a Ourzazate não atinge o topo do Alto-Atlas, embora na altura o ignorasse o frio que me gelou os pés seria argumento suficiente para duvidar dessa tese, de floco a enorme bola de neve rebola-me a cabeça. Shalom! no abraço o eu reconhece os outros, sentimentos empedernidos do Isaac inverteram-se na precipitada despedida, a policia andava à minha cata, o bófia chibou-se. Senti a verdadeira limitação no relacionamento com outro ser humano, entre mim e o motorista existiam histórias soltas sobre a situação que só pelo diálogo impossível poderiam ser unidas, intrigava-me o que ele sabia de mim nunca lhe poderia revelar o tão pouco que conhecia da situação. Os pensamentos tornaram-se estranhos, utilizava a imaginação como armadura de defesa, distanciava-me da realidade, relativizava tudo ou tentava entender as coisas em todas as perspectivas possíveis num debutante da geometria do pensamento, e carregador de colchões Molaflex, negócio a que o salafrário se dedicava, de todos os tamanhos à vontade do freguês, tecido grosso mas sedoso, às riscas esbatidas de várias cores, umas molitas no interior do desperdício comprimido, escusado será dizer que a mercadoria era mais motivo de curiosidade nas aldeias do que o artigo indispensável no meu mundo, de qualquer maneira com determinação o vendedor induzia a necessidade na mesma medida de tudo o resto que o ocidente tenta impingir. No terreno inóspito a rocha mudava de cor, aqui e ali salpicada de branco. Em andamento os efeitos da descida de temperatura atenuados pela chauffage do tempo da segunda-guerra, manchas brancas aumentam de volume até

cobrirem toda a paisagem, receio os desfiladeiros, calma a charanga está possuída. O pôr-do-sol acorda a excitação do mercador e passageiros ocasionais em cima dos colchões a troco de uns dirham, assim que o sol desaparece a camioneta trava, petromax o primeiro a sair, panela arroz batatas entram em coordenação perfeita e com o empenhamento de todos, come-se com as mãos, a sobremesa é granizado de neve e chá de menta, os homens fumam bidis. Subo para os colchões e enrosco-me no grupo das mulheres e crianças, privilégio que o crescimento haveria em breve de privar. Kasbah, autênticas fortificações, vermelhas sumptuosas construções de areia, palácios que nascem da terra surgem no horizonte. Sinto falta do kundá com um olho para cada lado, o ingrato só revelou algum afecto já na mão do miúdo em troca por fio de missangas que ofereci a Houri, o corpo eriçou-se arreganhou as fileiras de dentes agulha, lançou com a língua cor de fogo silvo que noutras proporções seria dos confins da terra, um autêntico dragão em miniatura. Noite sem passageiros ceamos em silêncio, os marroquinos não têm aquele pudor que impede olhar com atenção para outra pessoa, observá-la realmente, o tal olhar que os meus olhos foram encontrar vencendo a tal limitação, sorria. Charro! ritual sagrado na passagem a homem, a visão transforma-se, os sons da montanha, novas sensações, perco o pudor olho aquela face fantástica com sentida comoção, Portugal sai estupidamente, Eusébio grita ele para o céu de contentamento, não conseguíamos parar de rir, esgotamos o bom humor entalados entre colchões, dentes castanholas acompanham o adormecer. Quando acordo não sinto os pés que dormiram de fora, grito em pânico e A´du socorre-me, o alguidar de água a ferver queimou-os, tive dores horríveis o resto da viagem mas voltar a calçar os sanjo fanados fora de questão. Pelo espelho retrovisor conheço a família, a mulher de cara descoberta fala muito depressa enquanto ele conta dinheiro com crianças coladas à jelaba. Apressado dá à chave incita pela janela os miúdos a saltarem do camião, é pecado fugir do chamamento da mesquita que traz lembranças, ardem-me os pés comó caraças. O resto da viagem sem sobressaltos salvo seja, de vez em quando olho preocupado para os pedúnculos cada vez com mais mau aspecto, Dadés!! grito alegre quando desviamos para uma estrada ainda pior que a anterior, o leito do rio os terrenos cultivados nas margens do Wadi contrariam a paisagem rochosa, rosas ondulam e a brisa transporta aroma, cercado por figueiras amendoeiras nogueiras e choupos fico completamente toldado, as

dores passam. A Kasbah de uma torre só destaca-se do resto da pintura, o pano laranja desfraldado no pau da bandeira sinaliza a presença do Eli. Travão a fundo gesto para sair, aponta o castelo, ultimo sorriso meia- volta, pressa ou receio de represálias por a mercadoria não ser entregue nas melhores condições. Pés enrolados em trapos arrasto-me cambaleante com andrajos de personagem leproso à Ben-Hur, no reflexo da água não me reconheço, procuro olhos na gadelha despenteada, risos das lavadeiras na margem a apontar, o cansaço finalmente apossa-se faltam-me as forças para chegar à porta de madeira destacada nas paredes de barro do castelo. Sentado no calhau pensador um certo medo abeira-se por incrível que pareça não me lembrava dele nitidamente, só das mãos, conseguia ver todos os pormenores. A sensação do charrado acomoda-se algures discretamente depois de lavar a cara e avançar para a porta do céu, empurro-a com a determinação que me leva o resto das forças, Eli fala de pé com dois soldados, ao ranger das dobradiças o seu olhar encontra o meu, avança a tempo de me amparar, «A natureza estende-se em volta como uma grande Catedral em véspera de festa, raios quentes caem sobre o rosto aquecem-me a epiderme delicada. Volto instintivamente os olhos para o sol sinto que é ele o centro em volta do qual gravita tudo o que me rodeia. Jardins do Éden. Não há longes transparentes nem abóboda azul nem horizonte mais vasto hoje do que ontem, sinto somente que qualquer coisa de material de doce e quente me acarícia a cara num contacto terno. Algo fresco e leve começa a afastar a languidez que se tem apoderado de mim. Correm ao longo do corpo pequenas ondas, um pouco frias, invadem o vácuo. Vagas inconstantes bizarras uma vez maravilhosamente meigas outras vezes excitantes embriagadoras. Uma corrente de ar sussurra no ouvido envolve o corpo as fontes a cabeça até à nuca, gira em volta esforçando-se por me levantar e transportar a qualquer parte do espaço que não vejo, afaga-me a consciência embalando-a, mergulhando-a num sorridente esquecimento. À medida que os ruídos se tornam mais surdos, no peito entra uma sensação de langor excitante, o rosto cobre-se de convulsões rítmicas, os olhos tanto se fecham como se abrem, as sobrancelhas movem-se inquietas, todos os traços traduzem perguntas, esforços do pensamento, da imaginação cheia de sensações. A consciência começa a transbordar... Inútil resistir às impressões que de todos os lados assaltam, resistir a esta avalanche de ideias, coordená-las, dominá-las. Os

sons registam-se um após outro ao ritmo do corpo. Noite repentina imensa que se agita duma maneira extraordinária, murmura retine vibra, estende-se em direcção a mim toca-me a alma. Sensações desconhecidas insólitas novas cuja pressão no coração me faz gemer. Ondas que se apoderam crescem de intensidade perfurando as trevas sonoras, para se perderem em seguida na mesma noite, dando lugar a novas ondas, a novos sons. Solto um gemido doce deito-me na erva, ela geme comigo deita-se ao lado» vagueio nas ruas apertadas da vida nas memórias procuro um sentido, o passado persegue-me a distância incómoda.

I

Estalidos nas armaduras do corredor irritavam Ulisses, deitado aos pés do Eli que lia livros grossos ou então a sua agenda que trazia no bolso das calças de montar, sempre na mesma posição com a cabeça pousada na bota. Eu deslocava-me a correr e saltitar nunca andava normalmente, da sala para a cozinha, debaixo da mesa era o local favorito para descansar um bocadinho. O silêncio era sagrado, a música que saía do gravador de fita uma agradável excepção. Amigos chegavam e partiam pouco tempo depois, via-os da janela do quarto subirem e descerem dos carros quase todos pretos, o Eli recebia-os na sala junto à biblioteca onde tinha a secretária e o bar em forma de globo lunar com os mares, crateras cinzentas, abria-se como um enorme açucareiro da Versalhes, a Lua é falsa dizia quando olhava para ela. Fui alvo de troça na escola porque disse que ele falava todas as línguas do mundo, quando lhe contei, respondeu nunca comentes nada sobre mim. Sim, mas falas ou não? Falar é fácil basta encontrar duas ou três palavras importantes muitas outras banais apagadas, ironizava como era seu hábito. Parecia velho, cabelo branco como a neve, comprido, amarrado atrás com uma fita de couro, barba preta acastanhada, contraste singular, ao contrário, como uma vez disse, sonoras gargalhadas encheram a casa toda e ecoam agora no meu pensamento. Adorava quando me ia buscar à escola no Pégaso-cavalo-alado, o Eli dizia vamos voar, entrávamos a galope logo a seguir à curva do sobreiro onde começavam as nossas terras, sentia-nos realmente a planar, ainda hoje não sei se não estaríamos mesmo. Quando desviava a montada íamos à aldeia buscar os jornais da capital, o ar era pesado no monte de casas alinhadas na rua calcetada, pessoas a conversar às portas quando nos viam recolhiam-se, outras principalmente as mais velhas benziam-se, desviavam o olhar à nossa

passagem, Pégaso tornava-se maior, envolvia-nos nas asas invisíveis, entrava a trote guerreiro, no café Central, a tasca do senhor Oliveira, bebíamos pirolitos com tremoços, Deus vos acompanhe... e te abençoe Oliveira, partíamos ao ritmo do som metálico das ferraduras.

Hoje vivo na mesma casa não me interessam os costumes da humanidade, as pessoas aborrecem-me, as armaduras foram substituídas por quadros de Santa Rita ninguém sabe que existem. Aprendi a alimentar-me do Sol, aurora, sento-me no estrado circular que sempre existiu na eira e deixo de pertencer a este mundo como o Eli.

XIII

A Kasbah estava bastante danificada, não digo ruína porque feria a susceptibilidade dos moradores, das quatro torres com merlões sobrava uma, a que tinha avistado no dia que cheguei, em tijolos de argila e palha triturada, belo cenário de ópera agradaria a tutti quanti o pudessem apreciar, no local onde se tinha erguido outra torre, o escombro acomodava os bichos em natural ordem de espécie e família, embora houvesse excepções como os “espetada mista” inseparável casal típico de galinheiro não fosse a circunstância de um ser pato outro galinha. Ao pôr-do-sol cabras ovelhas todos os animais recolhiam, encantamento ancestral talvez memória da arca ou só desconfiança na noite. Noé príncipe dos dromedários tinha pêlo mais brilhante do que o de um vulgar camelo, cara arrogante acentuada pelo facto de ser vigilante do ritual, contava-os em aritmética ruminante, não tinha mais nenhuma tarefa atribuída o resto do dia resumia-se a fazer o que lhe desse na real gana como se fosse vaca sagrada.

Vaguear indefinido pelo pensamento, deixar-me flutuar na ausência de assunto, liberdade que a razão impede. No vale descubro o desenho, a obsessão na descoberta desse universo meio abstracto, pensar aqueles traços feitos em tantos sentidos, daqui dali para cima para baixo em frente p’ra trás, entrançados, cem mil retorcidos, na essência pedaços de linha única feita toda ela no mesmo sentido, sem outra alteração que o declinar do traço direitíssimo, às vezes um pouquinho mais à direita outras para a esquerda, o mover da ponta do lápis ora mais veloz, mais lenta, com mínima desigualdade, eu transformado em linha não escapa à condição de prisioneiro sem escapatória além do suicídio - dois lápis cruzados. O mundo desenhado tinha a prepotência, captava o que era estranho, o mundo exterior invadia a folha a

mão o lápis o rio, tudo sugado pelo desenho com voragem, unificando linhas numa só, deixava-me possuir pelo feitiço enquanto os pés iam melhorando. Animava o Eli o facto de conhecer o meu interesse em algo definido, se vagueamos indefinidos na vida também o fazemos no pensamento, vice-versa, não implica o menor esforço é instantâneo, embora nos convençamos do contrário... corremos o risco de nos julgarmos imortais quando nem sequer sabemos que existimos, o Eli tinha quase sempre razão.

Os melhores tempos são os sem história, ainda se fosse poeta poderia escrever esses dias no Dadés, com Pessoa á minha moda, temperado de Espanca a meu gosto. Sonhos que finalizam no triste acordar de um tédio que acalma os sentidos.

Caminha na margem do rio levanta a jelaba para molhar os pés, o seu corpo outrora hirto acusa algum desgaste «Quero dizer que não me importo de ficar aqui um pouco mais tranquilamente sentado debaixo desta árvore se tudo acabar por se clarificar por si próprio» distingo o sorriso, lábios húmidos na sombra poeirentos na luz, filhote vamos p'ra casa houve uma Revolução!

Serafins da caridade Querubins da sabedoria Tronos da grandeza, reunidos na enorme tenda conversam numa língua que parece Esperanto. As vozes sopros musicais, uns agudos outros de uma gravidade que assusta, juntam-se no centro transformam a energia, sinto tudo o que se diz. Lá fora amontoam-se gnomos duendes fadas o pessoal do galinheiro, autêntica fabulação divina, alvo das atenções recebo sábios conselhos de Metraton e Raziel os que mais se preocupam comigo.

Reclamo inocência na forma como me deixo enredar na imaginação galopante da criança que há em mim, verdadeiro salto para o interior do maravilhoso [imaginário] único lugar de fruição para quem sabe que para viver não se pode saber que se vive. Plano sobre a realidade como a gaivota na Foz que vejo do jardim público onde estou sentado, ausente de participação elevo-me ao estado de semi-deus onde gosto de estar e sem que ninguém repare me conformo com a tal impossibilidade.

II

Fim dos anos sessenta no carocha com volante em madreperla atravessámos a ponte Salazar acabadinha de fazer, obra grandiosa nos horizontes limitados do tio Pampam, umas férias marcantes, as primeiras sem o Eli, não reagi bem à separação, estávamos sempre juntos, a maior parte do tempo morávamos na

Quinta da Taboadela e de vez em quando em Lisboa, como dois camaradas na clandestinidade. Sempre me esforcei para o impressionar, falávamos sobre arte, os pintores do Louvre que tínhamos admirado, a arquitectura de Barcelona que tanto nos impressionou. Embora ao principio fizesse um certo esforço aos poucos adquiri verdadeiro prazer nas nossas viagens, chegava muitas vezes a sugerir temas para andanças «Museu do Prado na perspectiva dos pés» pp era o código da missão «over roger» nos walkie-talkies, deslumbrados com as sandálias da estátua de Felipe II de Espanha, é ourivesaria dizia ele espantado para o meu olhar feliz.

Lá foi para Woodstock que eu mal pronunciava e muito menos sabia realmente o que significava, viajar era naquela época um facto raro em Portugal, país que amávamos com desconfiança, tem uma calma artificial costumávamos dizer quando regressávamos a casa. O mal estar entre as pessoas que nos recebiam nas fronteiras lá fora «o que vem cá fazer? tem dinheiro? e bilhete de regresso?» todos com ar superior que irritava o Eli, eu ficava com vergonha por ele, sentia-o impotente perante algo que me ultrapassava. A nossa ligação era muito forte sentíamos o mesmo falávamos pouco, entendíamos-nos em silêncio, a vida está sempre a surpreender-nos.

O verão arrastou-se devagar, devorei Vampiros, o Mickey Spillane, Ross Pynn o Pappillon, Dom Quixote abandonei-o a meio, li em segredo os proibidos que o Eli me emprestou devidamente forrados com a capa do Paris Match, os «Esteiros» do Soeiro Pereira Gomes e «Até amanhã camaradas» do Manuel Tiago que em tempos tinham dormido clandestinos na Taboadela.

Os tios gatos-pingados com hábitos estranhos, durante a semana nunca paravam, a morte não tem horas marcadas. Aos fins-de-semana passavam os dias em casa, ela a regar as plantas ele a organizar selos, os do Ultramar onde tinha família do lado da mulher guardava-os numa caixa de charutos em madeira que tínhamos comprado à pressa em Badajoz e o tio dizia serem cubanos, estava cheia de selos coloridos, intrigava-me que é que tinha acontecido aos charutos nunca o vi fumar. Na lata de ColaCao guardava os da Metrópole aos quais não dava grande valor, que falta de imaginação minha nossa senhora suspirava. Os estrangeiros eram os mais cobiçados, que selos virão nas cartas do hippie? era a forma horrível como tratava o Eli e me lembrava a sua ausência.

Filho único com mais irmãos do que me atrevo a imaginar respondia quando

lhe perguntavam se a família era numerosa, só falava no Belarmino, republicano com tendências fascistas, adorava Berlim, morreu no Brasil, caiu da varanda do Rio Palace, não sei porquê imaginava um corpo a boiar na piscina do hotel. Sustentava-nos o negócio da família em Matosinhos, tínhamos barcos de pesca e armazéns, faliu tudo a seguir à revolução, uma das vezes que lá fomos no inverno, o mar estava preto a cidade triste, caminhámos no passeio junto ao mar, o Eli pára olha o chão contempla o céu, fixa o horizonte e com a solenidade de quem me quer impressionar diz com a tua idade caminhei nesta calçada com a Bela, a vida é extraordinária, that is an extraordinary thing, continuámos de mãos dadas e o nosso passeio adquiriu a incoerência de um sonho. Da sua história antes de mim pouco sabia, o que ia descobrindo em fatias, deglutia com algum constrangimento. Casou três vezes a última mulher foi minha mãe, desapareceu pouco depois de eu nascer, nunca apurei as causas da partida, muito nova, tinha dezanove anos quando se pispou, guardava religiosamente a única foto que tinha dela abraçada ao Eli na praia do Tamariz, ele em calções-de-banho com corte da época, ela de vestido branco com malmequeres-da-china cinzentos espalhados num corpo de adolescente, o meu pai olha para ela como se olhasse para um anjo. Somos uma família onde reside sombra que alimenta a imaginação e atormenta a alma. A primeira mulher no mistério viverá eternamente, a segunda, senhora judia, vivia num apartamento mágico na António Augusto de Aguiar que por vezes visitávamos, sentia nele uma profunda admiração, tornava-se humilde mais falador, ela dava conselhos emprestava-lhe livros, ofereceu-me a Mezuzá fixa na aduela da porta do meu quarto, o Eli de vez em quando acariciava-a com a mão que de seguida beijava, habitou pouco a nossa vida mas sempre como coisa sagrada.

Vinha diferente com o cabelo comprido solto, por pentear, vestia-se às cores, irritava-me aquele sorriso que eu não conseguia acompanhar. A separação trouxe-nos a distância estranha como entre colegas de escola que se reencontram no fim das férias grandes, sentia-me limitado e ignorante perante aquela figura esquisita no contexto da época, porque é que me deixaste com esta gente que se gasta nos enterros, em hobbies e flores de marquise?

Arrastava-se nos dias com a indolência do noctívago, ouvia música rock cheirava a patchuli, havia sempre nagshampa a queimar, lia o Castañeda. Acordei de madrugada, era raro, como se tivesse dormido tudo, levantei-me

caminhei pelo corredor das armaduras em silêncio para não acordar os rangeres metálicos, entrei na sala, Ulisses demasiado perto da lareira ressonava ele esparramado no sofá com as mãos no peito segurava um papel, aspirava o cachimbo-de-água fumegante e adormecia, aproximei-me pé-ante-pé, a atenção dedicada na folha escrita, apoiado nas costas do sofá com todo o cuidado julgava eu ser sono leve tirei-lha das mãos, adivinhava algo terrível naquelas linhas a tinta-permanente, iriam finalmente desvendar quem era aquele personagem da minha imaginação, não resisti a tocar no anel de brasão que agora uso mas que lhe pertence «há uma serenidade consciente da sua força na linha firme daquele perfil. As mãos têm raça nobreza, o sorriso ironia bondade, os olhos não se examinam, deslumbram. Deve ter vivido dez vidas numa só. Há sonhos mortos como violetas esmagadas na pele fina macerada das pálpebras. Que rastros deixarão na minha vida aqueles passos silenciosos, seguros, que sabem o caminho, todos os caminhos da Terra» as minhas mãos trémulas e a caligrafia descuidada dificultam a leitura «Querida amiga. Como sabe cada um é feito das tendências dos seus desejos e pela natureza da sua Alma. Fui surpreendido. Nunca pensei encontrar naquele lugar a aproximação à paz do espírito que procurava. Fiz as pazes com a vida. Tento compreender que é compadecer-me e perdoar. Sinto-me comovido quando vejo a bondade dos pecadores e sou bastante complacente para erguer os ombros diante dos seus pecados. As minhas conclusões e o meu modo de vida não são aceites, sinto-me vigiado. Abandono alguns vícios que trouxe e de que havemos de falar. Não renegarei o que penso nem que me levem daqui. Espero ansiosamente o regresso a Lisboa e não sei se o volto a fazer, estão cada vez mais próximos. Tenho recebido avisos de amigos que não me voltam a visitar. Temo pelo Ben... estou a arrastá-lo para a marginalidade. Não sei se esta carta lhe chegará, mas se não for pelo correio será no sonho que a irá receber» a lágrima deslizou inconsciente na minha face, algo se estava a passar e não sabia o quê.

XIV

Nessa primavera de regresso a Portugal abriu-se comigo, a capacidade de levar uma criança a sério era das suas características a que mais me comove, sabes Ben, agora que voltamos para casa sinto-me criança como tu, a expectativa do que vamos encontrar tem a mesma importância da saudade antecipada do que deixamos para trás, a real presença física que limita e não

deixa estar em dois lugares ao mesmo tempo, impõe-se como característica dominante da existência, agarra-nos os sentidos e chama-lhe seus. Fragmentos de pensamento tornam o discurso aluado, no essencial entendia o espírito da questão, reconhecia em mim os mesmos sintomas, entendes o que quero dizer? estou dividido, isso também acontece aos mais velhos, sou um soda, de qualquer maneira sinto-me subitamente arrependido de abandonar a sinceridade indiferente mas sincera do mundo árabe, os seus olhos reflectiam a linha terra o norte de África. Em Tarifa estranha aparição, camisa de flanela calça de ganga e botas alentejanas, ar revolucionário, o camarada Jassil fez sorrir o Eli com a minha cumplicidade, tudo virado de pernas para o ar nem sei donde começar... o governo provisório já si demitiu, las nacionalizaciones han sido feitas à toa, las famílias ricas escapam para o Brasil, o Alentejo é Cubano, todos presos políticos han sido libertados, los exilados retornam, el Conselho da Revolucion se divide, lo partido comunista ha tomar el poder. O país à beira da guerra civil, foi assim que nos fez o ponto da situação. Rosal-de-la-Frontera, entrada esquecida comentou o Eli, a sua aparência antes estranha, adquiriu um novo significado nas inúmeras barreiras de estrada que camponeses controlavam, o rabo-de-cavalo e a barba de revolucionário, a calma talvez, associavam-no naturalmente a camarada exilado a caminho do trampolim para a nova nomenclatura. Aproveitava a situação, saía do carro abraçava todos com sincera alegria, na história do homem são raros os momentos como este em que a magia domina tudo dizia ao atónito Jassil. O vermelho pintalga o país cinzento, assenta que nem luva na mão da república rejuvenescida, o lenço encarnado desfraldado na antena dá à station estatuto de viatura oficial, nas estradas rectas em bermas opostas, sobreiros e oliveiras perfilam-se até Setúbal onde as coisas se complicaram com o proletariado, a consciência cínica de classe. O porte feudal do Eli levantou suspeitas nos civis das barricadas, a ausência de receio funcionava a seu favor e sinceramente aquela revolução não deveria ser de todo estranha nos seus sonhos guardados, a familiaridade com que ensinava a alguns camaradas a melodia e letra do «Avante» ou da «Internacional» saíam como fôlego contido que finalmente se liberta, em sons com forte melodia «de pé operários e camponeses / de pé ó vítimas da fome...» fixaram-se para sempre nos meus pêlos arrepiados.

O céu estava contente, a euforia da vitória espalhava-se nos corpos

maltratados pela vida como últimos sintomas de uma exaltação condenada. Havia esperanças fecundadas no nada, o operário agitava a bandeira como se a sua sorte fosse mudar, as pessoas olhavam-se nos olhos de forma que raramente voltei a encontrar no ocidente, acreditavam todos que tudo iria melhorar «enquanto houver alguém que eu ignore nunca serei feliz» atirei-me para o banho de multidão, o sorriso do Eli não era total, havia angústia nos lábios cada vez que o megafone pedia vingança. Na manhã do primeiro primeiro de Maio a carta depositada no marco de correio escrita para os empregados de Matosinhos dizia assim «Caríssimos trabalhadores. Venho por este meio congratular-me com a vossa iniciativa, própria do tempo que vivemos, de formarem uma Comissão que vos una e organize de forma justa e sólida no princípio da igualdade entre os homens. A minha mensagem é para todos os que aí trabalham o capitão Rosa que me levava no «Aurora» até à Foz em doces tardes da infância, a dona Milu que me deixava mexer no pbx sem o dr. Belarmino saber. Aos pescadores cuja faina assegurou o sustento da minha família durante várias gerações, quero agradecer, abraçar e humildemente ajudar na construção de uma vida melhor. Bem hajam. Anexo documento oficial reconhecido notarialmente que confere a todos o Direito Legal de posse dessa Empresa e os bens a ela relativos» tinha enlouquecido na opinião do Jassil, de facto nunca mereci aquilo desabafou comigo. Mais tarde soube que a carta tinha sido causa de desunião entre aqueles que a aplaudiram e os que exigiam a cabeça do patrão.

III

No sonho atropelam-se dragões, gelados rajá... tudo o que uma criança pode imaginar, lembrava-me nitidamente do rapaz escuro e da princesa dourada, não os conhecia acordado, no tempo de uma vida que alguns sonhos têm, estiveram sempre a meu lado, fugíamos quando não tínhamos alternativa, avançávamos quase sempre determinados , havia rosas por todos os lados. Abri os olhos e o clarão cegou-me um instante, o vulto com aura aproximou-se «bom dia anjo-das-flores» vestia casaco azul de malha grossa com dois bolsos chapeados e reforços em couro na zona dos cotovelos, uma jelaba branca com riscas finas e largas, perfeitas na vertical, o decote debruado a fio-de-seda deixava ver o colar com a medalha que se abria e tinha no interior uma mecha do cabelo ruivo da minha mãe. Porque é que não te vestes como um pai normal? perguntei um dia, ele apareceu na escola de fato escuro gravata

cinzenta e camisa branca de colarinhos imaculados com botões-de-punho, duas pistolas em prata do tamanho da falangeta disparavam mini-balas de cianeto (herança do meu avô), todos nós pensámos inclusive o professor Cotrim que o meu pai não era assim. Toca a levantar o dia à nossa espera, badaladas no relógio do corredor assinalavam meio-dia em ponto, iamos visitar o “cemitério do Viriato”, ruínas fúnebres no limite das nossas terras, prova da presença dos Lusitanos naquelas paragens. Atravessámos riachos, cruzámo-nos com o senhor Livramento deitado no monte de feno em cima da carroça que o boi puxava, o transistor repetia o seu nome no relato de hóquei-empatins, cumprimentou-nos com um orgulhoso aceno de cabeça, fomos assediados pela Sereia, a cabra da tia Generosa Cantante, Ulisses temia a criatura, a broa que nos ofereceu passou a fazer parte do farnel, caminhávamos em fila indiana o silêncio era a regra numero um, para falar parávamos, eu atrás tinha de pisar as pegadas dele, imaginá-las quando o terreno não as marcava, sensação relaxante aproximava-me do não pensar, comentei quando parámos para deixar passar um ouriço-caixeiro atravessado no caminho, a ideia é essa respondeu o Eli. Penhascos, calhaus enormes, caminhos estreitos entre precipícios, o grito Tirolês ecoou no vale fiquei envergonhado mas com orgulho daquele grito guerreiro. Nunca me senti criança mas naquele dia estava apalermado, sentia o ar a entrar no peito transferia-o para a barriga, assim que me distraia voltava para os pulmões, enchia tudo e ficava tonto, ligeiramente enjoado, entontecia-me a cadência das passadas. Ulisses caminhava bastantes metros à frente, de vez em quando deitava-se à espera, na boca um pau para o Eli atirar, a ravina era profunda, negra no fundo, atiro? perguntou apontando na direcção do abismo, o meu coração disparou, lançou-o com toda a força para o vazio... o olhar do Ulisses comoveu-me mais profundamente que o de qualquer humano, será que havia lá dentro uma alma que queria falar e não podia? afastou-se com a cabeça baixa, desviei o olhar e vi o pedaço de madeira na mão do Eli que sorria. As sepulturas eram pequenas para um homem do nosso tempo, na pedra os vestígios da morte tinham desaparecido há muito, picnicámos em cima das lápides das urnas profanadas, broa quente e azeitonas, leste a carta? não precisava de responder, uma lagartixa olhava para mim, vamos partir! o bicho avançou dois passos, quando? perguntei e ela virou-me as costas, ainda não sei ao certo respondeu o Eli e ela foi-se embora, o que é

que estás a pensar? ele sorriu, «tenho pensamentos que se conseguisse realizá-los e torná-los vivos acrescentariam uma nova luz às estrelas uma nova beleza ao mundo e um maior amor ao coração dos homens» Viriato o rafeiro que nos seguia à distância ladrou para o céu.

XV

Prec aos soluços, ninguém se entendia era diagnóstico precipitado, estão a dividir tudo entre eles é inacreditável desabafava o Eli. Lisboa cidade a que nunca dei muita importância, embora não me seja estranha há nela algo de estrangeiro, nos Olivais, bairro de subúrbio com planificação estilo colmeias humanas onde fomos morar havia jardins entre pequenos favos de classes trabalhadoras em prédios modestos que contrastavam das torres com elevador da burguesia em ascensão, a convivência por vezes era brutal, sentia-mo-la na pele. A política, fascista, social-fascista, neo-social-fascista, socialista, trotskista, comunista, maoísta e os anarquistas poucos, discutida à luz da ideologia marxista no café do Tó com os meus amigos, Engels, Lenine, Trostki, Estaline e Maotsétung essencialmente, pecavam pelo sangue outrora derramado, o esvaziamento das formas de existência está muito adiantado, os cravos pouco podem fazer dizia o Eli quando eu o confrontava com as ideias da revolução. A violência angustiava, embora na prática pouco mal fizessem uns aos outros, as ameaças, os insultos mais obscenos eram constantes no relacionamento entre as pessoas, às vezes perguntava-me se passaria a ser sempre assim? tanto à esquerda como à direita o ódio estava instalado, valores caíam por terra na Assembleia Constituinte. O assalto ao palacete do Rato afastou-me definitivamente da política, o prazer que os camaradas tinham em escavar os móveis de estilo, rasgar os quadros de família, a fogueira de livros reaccionários ateadada no jardim arrepiavam-me todo, tinha aprendido que os excessos sempre se opuseram à felicidade e ao êxito.

IV

Os empregados evaporaram-se começámos a tratar da lida na casa, angustiado e contrariado tinha de fazer a cama, varrer, lavar a roupa, tomar banho no tanque gelado com rampas em pedra onde me esfregava com sabão azul-e-branco, um frio de rachar. Pouco a pouco abandonámos os quartos que passaram a ter um cheiro esquisito, transferimos os haveres pessoais, colecionava tralha de todos os géneros e feitios, guardava coisas preciosas, casulos de bicho-da-seda, o relógio cabeça-de-caveira, a rede de

ping-pong que o Eli trouxe da tropa, fósseis, três moedas do tempo dos romanos que encontrei na gruta que havia no monte, o meu *cói*. O tesouro de representações simbólicas agradava ao Eli. O antigo depósito de cerveja em vidro era aquário de girinos, chamava-lhes espermatozóides. Duas aranhas-de-cruz uma castanha outra preta viviam no recipiente em lata que na altura se usava para guardar o leite ordenhado, alimentava-as com moscas, traças, gafanhotos pequeninos, meti lá um pirilampo e elas passaram a tecer à noite. Depois do almoço deitados no colchão no chão da sala a olhar para o tecto em madeira tasse bem disse, há males que vêm por bem respondeu a fazer argolas de fumo que eu desfazia pelo centro com o dedo indicador, a sala era agora a nossa casa. Levaram o Pégaso de quem não tive coragem de me despedir, reparei no vermelho dos olhos húmidos do Ulisses. É difícil calcular quanto tempo vivemos assim, numa criança o tempo tem maneiras peculiares de funcionar, de qualquer maneira que o comprimento dos dias vai diminuindo com o crescimento é um facto. Nunca mais estive tão próximo de alguém como nesse inverno suave em que hibernámos, o Eli intercalava a leitura com a escrita, deitar cedo e cedo erguer o nosso lema, deixei de ir à escola, aprendi com ele a regra dos “três simples”, falávamos dos reis e rainhas do passado, no milagre das rosas e castelos encantados, cantávamos em voz alta, muitos anos depois em Almourol lembrei-me «peço ao senhor barqueiro que me deixe passar / tenho um filho pequenino e só quero é... Bazar...» brincávamos com as letras das canções infantis, quando era muito pequeno havia uma que aguçava a minha inocente perversidade, triplicava o riso «olhei para o céu e estava estrelado / vi o Deus menino em palhas deitado / em palhas deitado / em palhas estendido / vi o Deus menino ... todo mijado». Noite de tempestade o batente da porta ecoou com demasiada violência, levantou-se de um salto a agilidade dele era surpreendente, vais fazer o que te vou mandar, as pancadas subiam de tom, dirigiu-se convictamente para a parede entre as estantes de livros onde estava pendurado o espelho veneziano, encostou o ombro e desapareceu... o tempo que estive sem respirar foi o mesmo que demorou a reaparecer da parede que girava sobre um eixo vertical, anda! estendeu a mão puxou-me para dentro, não saís sem eu te chamar, se for com eles espera por mim na quinta, usa o dinheiro dos livros, quem é o meu maior amigo no mundo? a parede fechou-se antes de ele ouvir sou eu. A pulsação corrente continua de impulsos, não me deixava pensar, tinha os lábios secos, nas

paredes do esconderijo uma luz reflectida e vozes distantes atravessavam o “Espelho mágico”, a sala no reflexo, dois homens com fato escuro falavam baixo, não distingi frases, só palavras soltas Dgs... Comunistas... o gorducho subitamente dá-lhe uma estalada, a imagem parou e depois o gordo voou projectado contra a parede dos livros que de imediato o atacaram, vi o olhar arrependido do Eli, Ulisses ladrou e ouvi o tiro antes de desfalecer.

XVI

Gestos nobres em corpo franzino, cada movimento dela pertencia a dança erótica, os meus olhos fixavam aquela mão fechada de estranha subtileza «avante camarada avante, junta a tua à nossa voz...» o seu punho erguido revelou-me outra forma de poder. Toda a azáfama do campo, aquelas figuras rudes, corpo mal cuidado, o calor ignorado no Alentejo a ferro e fogo contrasta com a elegância das curvas no seu corpo e o interior húmido das calças rasgadas na virilha que as minhas mãos exploraram nas noites que dormimos juntos no celeiro, impressionava a sua força de carácter com que enfeitiçava os camaradas camponeses, transpirava inteligência e sabedoria a possível numa alma fogaosa e tão jovem, Circe da minha odisseia na Reforma Agrária, a sua beleza era engôdo esplêndido que escondia anzol... deixei-me arrebatado numa paixão para ela fugaz, o meu primeiro desgosto de amor foi comentado por todos os "Grandes Educadores" de massas que se reuniam na Casa do Povo, esse inevitável desencontro de sexos que nos acompanha foi descoberta traumatizante que me persegue pela vida. Vim-me embora dessa ilha distante da ninfa Calipso, nunca mais deixei de associar um monte alentejano a desgostos de amor...

Estou farta! digo-te estou mesmo por aqui, leva a mão à cabeça, perguntas-me porquê? por tudo que é nada nem sei por onde começar, dá-me um segundo deixa-me ordenar as ideias... Majong vinte anos mais tarde, tudo se tem vindo a acumular nos pensamentos não me deixa sossegada estou sempre fora de mim a observar discretamente muito crítica em relação a mim própria, tu entendes, eu sei ainda não disse exactamente de que é que me queixo mas é esse o problema, de tudo principalmente de mim tás a ver a paranóia? foi acontecendo gradualmente não por hoje estar mais sensível e não, definitivamente não é o síndrome pré-menstrual para já não tenho o período à quatro meses, redundante não relevante lembraste? pronto desviei-me do assunto, posso começar por dizer estou farta de consumir para distrair, não

quero telemóvel se conseguisse não falar mas também ninguém se ouve, ir a festas é levar com as técnicas de acasalamento dos pavões, todos os gajos são falsos, é óbvio como tu costumavas dizer, o sinal da minha relação com o sexo oposto, tás a ver? tudo o que digo dá pano para mangas perco-me no raciocínio parece que estou a carpir e quando disse que estava farta de consumir não era sobre droga que estava a falar mas foi nela que pensei tás a ver a cena...

Corpo incómodo deitado no chão fumo bolota, assisto à preparação do speedball, heroína e coca juntas diluídas na colher, presencio a morte lenta daquela que um dia amei em plena revolução «perdi as esperanças não viverei jamais perdoa-me que nada são os meus dias. Job,7,16» aperta o elástico e as veias ressaltam na pele cor do Alentejo, há cumplicidade mais forte que o amor, puxa sangue antes de injectar, o corpo amolece nos meus braços “Pietà ao contrário” penso, os olhos em alvo a doçura e felicidade agradecem com amor o partilhar de um momento sempre tão solitário. O veneno leva-a para longe, o corpo escalda quando a pouso no chão e deixo a tocar "Protection" dos Massive Attack. Na rua caminho pensativo, o pontapé na pedra solta da calçada parte um farol, que raio de homem sou eu que deixo o meu semelhante degradar-se por sua própria conta e risco.

Parado em frente à porta quando os nós dos dedos estalam a tinta descascada a ansiedade desaparece, a aproximação do acontecimento acalma mas a hesitação em bater é sempre a mesma, pode ser a última vez porque desisto ou exagero, deixo-me ir docemente como tantas vezes pressenti no formigueiro que invadia as entranhas, o peso quero tirá-lo do corpo, da alma, porque é que viver é tão difícil? se soubesse como o peixinho se sente bem, a mesma temperatura em todo o corpo, o estar suspenso. Agarrado ao chão sofro esse existir ausente dos outros, incomunicável, palavras à toa proferidas milhões de vezes na mente. Digo baixinho o que quero e o estômago revolve-se de satisfação, sentado no sofá apanhado no lixo aguardo a minha vez, o cheiro intenso a corpos suados invade-me languidamente, uma barata descobre o braço outra distrai-me dessa relação impossível, garrafa, trouxeste? pergunta a niquinha (em tempos sim) o bailarino agarrado senta-se no canto e sussurra enquanto dá assistência ao “cozinhado” com mãos hábeis num corpo sofrido pela droga, fala de amores antigos. O chino gasto colhera o saco medindo a dose, tempo de não respirar o amoníaco que invade o ar,

esse odor agre-doce de insuportável poder, o isqueiro queima a colher numa precisão de laboratório, o meu corpo também entra em combustão, enjoado utilizo a garrafa dela um privilégio dos clientes antigos, das páginas amarelas mil vezes raspadas saí a poção para o gargalo de alumínio, inspirado na familiaridade do ritual o fumo saí em formas idílicas e ocupa-me o ser, dou um bafo e o flash tantas vezes recordado em angústia confirma a razão para existir, a Niquinha fala baixo, ao ritmo do pensar. Tantas ilusões partilhadas naquele momento, naquela paragem na vida, a virtude abandonada tira séria desforra.

V

Cresci com fantasmas! raramente falávamos sobre isso mas aos poucos o Eli explicava-me o que se passava, não lhes chamava assim nunca o ouvi dizer essa palavra, [geist] Espíritos dizia. Em pequeno não os via realmente eram mais sugestão, como uma presença invisível, a modo de um sopro fresco, gradualmente foram-se revelando conforme aumentava a minha crença neles, não fazes ideia o que acontece e podemos ver se acreditarmos na sua existência, revelam-se em vultos que se escondem na noite, uma sombra que passa no tecto da sala, a brisa que levanta o lençol, gostam de interferir no mundo dos vivos, era assunto que nunca referíamos na presença de outras pessoas à excepção de um ou dois amigos que falavam com toda a naturalidade, mas estas almas não se decidem a reincarnar irritava-se o Eli quando sentia que lhe invadiam a privacidade. Estão próximos, pacificamente rondam o mundo material mas geralmente são confundidos com energias negativas e alguns têm mesmo mau feitio, chateiam-me a cabeça, pregam partidas, interferem nos pensamentos desabafava com o Eli que respondia calmamente é porque gostam de ti, preocupam-se, tentam corrigir certos erros, nunca te prejudicarão, são espíritos com almas problemáticas, reincarnações difíceis... na minha ingenuidade perguntei também sou reincarnado? ele ria-se com vontade, não se deve falar sobre isto só com fé encontras respostas, não as procures com a razão, deixa-te ir, aceita a ideia, o tempo fará o resto, a vida encarrega-se de te maravilhar.

O conhecimento tinha para o meu pai grande valor, concentra-te a aprender, num pensamento sobre qualquer assunto antes de tentares chegar a conclusões precipitadas procura descobrir quem é que já pensou nisso, eu ainda hoje acho que nunca tive um original vê lá, o que é queres fazer quando

fores grande? quero ser inventor respondi de imediato, procurou um livro na biblioteca e deu-mo com uma dedicatória «para o meu filho inventor. Quinta da Taboadela» assinou o livro italiano com gravuras e desenhos das invenções do Da Vinci. Tinha uma angústia na vida que não sei se mais alguém teria, preocupações que duvidava que me pertencessem, pensamentos estranhos sobre personagens fruto da imaginação, mas de onde é que vem esta gente? interrogava-me enquanto observava de cócoras os cágados olhando fixamente os patos a acasalarem no lago do jardim.

Paulatinamente, faz tudo no mesmo ritmo na mesma cadência na tua respiração normal, chegarás sempre mais depressa ao resultado, não te precipites! ele por vezes tinha destas máximas.

XVII

Partiu! a imprevisibilidade da vida há muito que deixara de o surpreender, com o tempo também aprendi a aceitá-la como parte integrante da existência desvanecendo-se medos que inexoravelmente se apoderavam de mim impedindo-me de viver, bazo também pensei, o Jassil com alguma facilidade eu sei assegurará condições económicas para o meu vagabundear, com minimo fundo-de-maneio diga-se, jejuar auxiliar-me-á de inestimável forma. Partirei de Santa Apolónia sem lágrimas nos olhos com a certeza de voltar, Espíritos familiares alinhados na seis dirão adeus ao Lusitânia Expresso, a mão no bolso do kispo apertará a lista dos livros, alguns já terei na mochila pesada, companheiros, pedaços de vida outras vidas, com o coração aos saltos tenho a visão no reflexo da janela do Inter-cidades Amim olha para mim, o comboio bufa, lembro-me do Vallé, sinto no ar irreproduzível energia, imagens cheiros sons, a solidão acompanha-me, gosto da companhia. Quando regressei da reforma agrária tinha partido, os últimos tempos foram difíceis, a sua incompatibilidade com as regras mesmo as da revolução era definitiva, sem angústias aparentes havia melancolia no olhar, o conhecimento permitia-lhe ver continuidade na mudança, todas as homéricas artimanhas permanecem actuais desventurada semelhança. No envelope timbrado da firma de Matosinhos a carta com cheiro a noz moscada «meu querido Ben, contei-te pouco sobre a minha vida antes de nasceres, talvez porque vagueei nela inconsciente, fruindo uma existência de sensações sem sentido, não há muito que contar. Despertei tarde, perdi demasiado tempo com vulgaridades, vivi várias vidas curtas a caminhar por atalhos. A ansiedade acompanhava-me

estivesse onde estivesse. Intensamente. Sempre à procura de emoções que traíam sentimentos distraia-me de mim, nunca era plenamente. Na tua mãe reconheci tudo o que procurava, simplicidade, humildade e bondade, a entrega foi total apesar de tudo o que nos distinguia. Desse grande amor nasceste tu. Quis Deus que ela nos fugisse só ela e Ele sabem porquê. Chegou a altura de nós nos separarmos e conhecemos as razões, o teu caminho de homem começa agora, estaremos sempre em ti. A vida é um tempo maravilhoso, sentidos, emoções, sentimentos, aquilo a que chamo «il y a quelq'un ici» é também lugar de pesquisa do espírito que une alma a corpo e entretém-se a ver o universo em função de si. Somos todos diferentes e por muito que queira não vislumbro via comum, embora para sobreviver respeite regras que por defeito ainda complicam mais as coisas, detesto fazer julgamentos, há muitos caminhos, tenho liberdade para escolher o que se identifica com uma classe de homens e mulheres que renegam esta evolução de forma particular, desconhecida, são na essência da palavra que significa estar por sua própria conta e risco Desterrados "O poeta torna visível a enorme superioridade do reino das musas sobre o mundo técnico tanto na obra como na existência ajuda o ser humano a reencontrar-se, o poeta é um desterrado. Não entram em polémica com o mundo, a sua derrota seria inevitável. Não se reconhecem no terreno, não usam tropas nem violência, não têm armas de arremesso. Acreditam no que dizem as estrelas não no que está escrito nos jornais" estou atento, assumo a rejeição das regras de um jogo à partida viciado. Lugar por vezes confundido com o desinteresse que nunca terei por em mim haver amor pela humanidade "Bem aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça porque deles é o Reino dos Céus" [mateus5.10]. Regresso a Marrocos para apaziguar os dias. Estaremos juntos eternamente sabes disso. Enfrenta a solidão com um sorriso nos lábios. Quando leres a carta estarei a atravessar o estreito de Gibraltar, olho Marte e peço para te proteger. Se deixares de estudar lê, relê os livros da lista que te dei o ano passado e lembra-te "O homem pensa a mulher já pensou" (frase Eliana de inspiração Pittigriliana).Quem é o meu melhor amigo no mundo?» Olha o céu vês a Ursa Maior? desenhava-a com o dedo, eu dizia que sim completamente embriagado pelo infinito do Universo, perco-me confessava, compreendo respondia, muito anos depois na Ilha de Moçambique com o padre Lopes a contemplarmos as estrelas confessei-lhe que Marte me

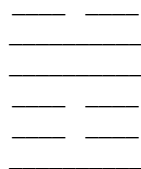
protegia. Quando as coisas não funcionavam bem era Mercúrio retrógrado, tudo para ele dependia do efeito cósmico, único instrumento futuroológico credível, rege-se por uma ordem natural, matemática na sua essência, percebes o que eu quero dizer? eu não respondi, não faz mal cada coisa no seu lugar uma coisa de cada vez cada coisa no seu tempo, aliás posso estar a precipitar-me nessa convicção e se calhar estou enganado disse de forma cómica, voltaremos a falar disto se Deus quiser... o que é Deus pai? a gargalhada de um grito só perdeu-se no infinito, não olhes agora mas Marte está a olhar para ti, ficámos abraçados a lebrar o céu.

VI

Ao espelho vi uma cara serena a olhar-me com uma segurança que não reconheci, a primeira vez que me lembro de me ver fora de mim. Não estava preparado para o confronto com o mundo real o corpo franzino não aguentou o impacto, quando saí do esconderijo o cenário irreal, tudo estranhamente desarrumado excepto os livros alinhados nas prateleiras como se nada tivesse acontecido, Ulisses adormecido para sempre sobre a mancha de sangue, num gesto decidido fechei-lhe os olhos como tinha visto nos filmes, as pálpebras resistiram numa frieza incalculável «Da mihi lacrimas ex toto affectu ut interna peccatorum possint exsolvere vincula [dá-me as lágrimas de todo o afecto e os vínculos internos dos pecados se dissolvam]» palavras de elevação que com os anos fui perdendo. Ainda estou para saber onde fui buscar forças para colocar o corpo morto no lombo do Calvário, emprestado pela tia Generosa que era desligada do mundo que a rodeava, amigo do Pégaso costumavam voar como loucos na pista de corridas que imaginava nas vinhas alinhadas, ao fundo duas cenouras penduradas uma em cada pau, ladies and gentlemen um, ladies and gentlemen dois... a brincadeira excitava-nos, Pégaso relinchava Calvário zurria, fogo! com a pistola de fulminantes vestido à cowboy, o burro coitado esforçava-se na esperança que o Lusitano deixasse ganhar de qualquer maneira havia duas cenouras. Trajecto fúnebre «a vida vai e vem num constante piscar» choveu miudinho o céu estava baixo «Mille sabords» teria dito o capitão. No cemitério estavam muitas Almas, sombras, reflexos coloridos, estrelas no topo das árvores, o corpo caiu na urna, o tamanho era perfeito, Viriato teria cão? o sol enviou um raio a luz incendiou o lençol, com relutante ajuda do Cacán a lápide fechou o túmulo, olhei o espaço em volta e solenemente como o padre da aldeia na catequese recitei para todos uma das

passagens preferidas do Eli «Quem acredita em mim, não é em mim que acredita mas n´aquele que me enviou, e quem me vê a mim vê aquele que me enviou. Eu vim como luz ao mundo para todo aquele que crê em mim não permaneça nas trevas. Se alguém ouvir as minhas palavras e as não guardar não sou eu que o condeno, porque não vim para condenar o mundo mas para o salvar» o apócrifo tinha-se posto a andar também não era burro para chorar, no dia a despedir-se o ritual de recolher era sagrado. Na curva do sobreiro levantou-se poeira de automóvel, com todas as forças que restavam corri na direcção da estrada, as pernas moviam-se numa velocidade espectacular independentes do esforço, atirei-me para o cascalho ouvi a travagem a porta do carro abriu-se, escutei passos a aproximarem-se e então vi uma bruxa com cabelo dourado todo armado, olhos azuis contornados a tinta preta, um sinal pintado entre o lábio superior e o nariz, as rugas nos olhos cor de céu acalmaram-me, ou foi o crucifixo madre-pérola ao pescoço, ides aonde garoto? De boleia no Simca até à aldeia tive a primeira depressão «Eli Eli porque me abandonaste?» no carrinho de choque vermelho esqueci-me dela. Havia festa na terra, rodopiámos na pista cheia ninguém se atrevia a chocar «prego-lhes uma praga que ides ver» Odília inspirava respeito no seu saia-casaco salmão e camisa violeta de folhos. Magalas assobiavam a sopeiras comemos coiratos com água-pé, nascia uma estrela no céu e eu estava feliz. Levou-me a casa e quando entrou ficou impressionada com o casarão, o fedelho nasceu em berço d´ouro murmurou, não perguntou pelos meus pais na sua simplicidade sabia muito, viveu em França e um dia o marido foi a África e perdeu-se no mato. Dava "consultas", leio as pessoas quando olho para elas nasci com este dom encolhia os ombros de naturalidade, maus olhados é que não isso não faço, ainda se vira feitiço contra o feiticeiro cruces credo benzeu-se. Lançou-me o Tarot numa versão muito particular, embora disfarçasse as sobrancelhas franziram honny soit qui mal e pense rematou a sessão. Impressionava-a tantos livros e eu propus vamos jogar! ver quem faz mais dinheiro, ela escolhia os clássicos encadernados, lá dentro havia quase sempre notas de vinte, a Madame Bovari valia cem escudos levou-a discretamente nas mamas, eu era batoteiro regulava-me pelo critério do meu pai os filósofos e poetas valiam sempre mais. Para impressionar escolhi o Mein Kampf assinado pelo autor, dentro tinha notas da época com suásticas, não achou graça à brincadeira parecia que tinha visto o diabo. Desistimos com volume considerável de pilim à

nossa frente, o olhar dela ficou esquisito, tira-me isto da frente antes que a Odília caia em tentação. Ouvimos o "Calhambeque" no pick-up do Eli, ofereci-lhe o I Ching em brasileiro, ensinei a lançar, seis vezes as três moedas, a pergunta concreta quem é a Odília? por exemplo, tinha o mau hábito de orientar a sessão,



O Trigrama Superior - *Lago*. o Inferior - *Trovão*. *Seguir* o Hexagrama correspondente. Pediu-me para ler, *Seguir*; É um grande êxito e vale a pena se for correto; então, não haverá qualquer falta. *Julgamento*; No Seguir a firmeza vem sob a flexibilidade, alegremente prosseguindo a actividade. Se o grande êxito é correcto, não há falha, e o mundo segue as estações. O significado de seguir as estações é realmente grande. *Imagem*; Há trovoada num lago, simbolizando o *Seguir*; assim, as pessoas sábias recolhem-se e repousam ao pôr do Sol.

Linha um - yang; Quando há mudanças nos deveres, é auspicioso se elas forem correctas. As relações fora de portas têm mérito.

Imagem; Quando há mudanças nos deveres, é auspicioso seguir o que está certo. Quando as relações fora de portas têm mérito, isso significa não se enganar.

Linha dois - yin; envolva-se com uma criança e perde um adulto.

Imagem; Envolver-se com uma criança, significa que não está com ambos, adulto e criança, ao mesmo tempo.

Linha três - yin; Envolver-se com um adulto e perde uma criança. Quando se busca uma vitória, é vantajoso permanecer constante.

Imagem; Envolver-se com um adulto significa, comprometer-se a deixar a humildade para trás.

Linha quatro - yang; Se continuar com o desejo de adquirir, será infeliz, mesmo se for constante, se permanecer sincero e se mantiver no caminho, através da clareza, que problema poderá surgir?

Imagem; Continuar com desejo de adquirir, é infelicidade, no verdadeiro sentido da palavra. Ter sinceridade e prosseguir no Caminho, são realizações

de clareza.

Linha cinco - yang; A sinceridade no bem é auspiciosa.

Imagem; Isso significa que a posição está correctamente equilibrada.

Linha seis - yin; Se está vinculado a alguma coisa e isso o constrange, vá até ao fim. Um rei faz sacrifícios.

Imagem; estar constrangido por vínculos com alguma coisa, significa que não consegue subir mais alto.

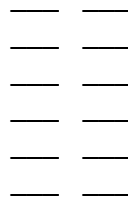
Olhou-me fixamente e o mundo parou, senti nas profundezas aquele sonar, fui lido pela primeira vez, agradeceu o livro mas disse sabes meu anjo a Odília nunca foi à escola. Despedimos-nos com um eterno abraço, quando precisares de ajuda pensa na Odília. Muitos anos mais tarde na mesma festa da aldeia o seu olhar envelhecido não me reconheceu.

XVIII

Vagueava pelas organizações políticas que se formavam em dissidências dos partidos de esquerda no poder, a linha radical era a única que se me afigurava minimamente credível, inspirado no sentimento de igualdade, na rejeição dos bens pessoais, na justiça popular embora aí a porca torcesse o rabo, absolutamente pacífico não me revia nas batalhas campais que frequentemente se travavam nos liceus universidades e comícios, por isso a minha contribuição era sempre na área da estratégia ou da logística, tudo o que me afastasse dos campos de batalha, quando o confronto era inevitável a tarefa incidia no socorro às vítimas e no aprovisionamento de munições (pedras da calçada). A violência dominava tudo, bastava que fosse superior a uma partida de xadrez para me chocar, essa particularidade embora digna limitava o campo de acção porque era precisamente nas variadas formas de vingança que residia o discurso da maior parte das organizações «morte aos fascistas» e outras ameaças do género eram constantes nas palavras de ordem, a Deus não era permitida qualquer concentração de poder., mesmo assim a minha consciência tornou-se cínica ao ponto de muitas vezes ter dificuldade em me reconhecer naquilo que defendia nas discussões de café. O passado envergonhado escondido algures no corpo, as tardes calmas de Marrocos os desenhos os anjos e a leveza dos dias eram lembranças remotas que afastava da memória por se tornarem pesadas. Dividia-me a alegria que sentia nas esperanças dos mais pobres e a tristeza por elas não serem

realizáveis. Consolava-me a vida intensa que vivia no processo revolucionário, fascinava-me o carisma dos líderes da revolução que procuravam a forma definitiva da nova democracia, os mesmos que mais tarde abandonaram a vida activa e refugiaram-se algures na solidão. Angustiava-me a evolução da humanidade ser tão diferente da visão que tinha do ser humano espiritual. O tempo foi passando e a excitação foi esmorecendo, começámos a sentir os efeitos da desorganização, os bens essenciais escassearam, a ponte aérea das colónias criou o caos social mas vieram também as cores, os cheiros, a alegria de África, a minha empatia com os retornados era total, a cumplicidade do céu e de quem começa de novo essa capacidade oculta que todos temos de recomeçar despojados do que nos pertence sem lamentações é um acto de liberdade uma descoberta que me ajudou a perder o medo da vida e ter esperança de que um dia o mundo podia mudar. O Eli apesar de tudo gostava da revolução, são poucos os homens que tiveram o privilégio de assistir a verdadeiros momentos de um povo em liberdade, o problema é que a ignorância começa a saturar.

«O que foi para mim a Revolução dos cravos?»



O Receptivo; Grande sucesso benéfico para uma égua casta. As pessoas esclarecidas têm sítios para onde ir; se se perderem primeiro é vantajoso que encontrem um líder mais tarde. Com companheiros yin e sem quaisquer companheiros yang existe a paz; é um bom presságio ser constante e verdadeiro. *Julgamento;* Realmente perfeita é a grandeza da terra receptiva, que sustenta o nascimento de todos os seres e está em harmonia com o que recebe do céu.

A riqueza da terra suporta os seres, a sua virtude não tem limites, contendo no seu interior vasta glória e magnificência através das quais todas as coisas e seres existem com sucesso.

A égua é aparentada com a terra atravessando-a sem limites, gentil e dócil, servil e fiel. As pessoas esclarecidas vão para algum lado: a principio perdem-

se e afastam-se do caminho, depois seguem e alcançam o eterno.

Ter companheiros yin é andar com os seus pares; não ter companheiros yang significa que a alegria está prestes a acabar. O bom presságio da estabilidade e da firmeza corresponde à imensidão da terra.

Imagem; A atitude da terra é receptiva. As pessoas esclarecidas apoiam as outras enriquecendo o carácter.

Linha um - yin; Caminhando na geada chegará ao gelo sólido.

Imagem; Caminhar na geada e no gelo sólido simboliza a congelação inicial do yin. Siga sempre esse caminho e chegará ao gelo sólido.

Linha dois - yin; Sendo honesto, correcto e magnânimo, ajudará em tudo mesmo sem prática.

Imagem; A acção do yin equilibrado é honesta e correcta. Ajuda tudo mesmo sem prática porque o caminho da terra é esclarecedor.

Linha três - yin; Esconda os seus adornos; é bom ser-se casto. Se trabalha na administração pública não faz nada mas deve conseguir que se faça.

Imagem; Esconder os seus adornos e ser casto significa entrar em acção apenas no momento certo. Se trabalha ao serviço dos assuntos do governo o seu conhecimento deverá ser iluminado e alargado.

Linha quatro - yin; Feche o saco e não haverá nem culpa nem elogio.

Imagem; Fechar o saco para que não haja culpa é ser cuidadoso para evitar o mal.

Linha cinco - yin; Uma peça de roupa amarela é muito auspiciosa.

Imagem; Dizer que uma peça de roupa amarela é muito auspiciosa significa que o conhecimento é correcto.

Linha seis - yin; Quando os dragões combatem nos campos o seu sangue é amarelo-escuro

Imagem; O combate dos dragões nos campos significa que o caminho chegou ao fim.

Quando usar o yin seja sempre constante e verdadeiro de forma a chegar a uma grande conclusão.

VII

A modesta chaise

Estoril

em julho

o teu olhar

*Ingenuamente chorei
Eras a mais bela
a única por quem valia a pena
Águia ou milhafre pairava sobre ti*

*Deliro
não te volto a ver isso sim
De Marraquexe a Matosinhos
morro pelo caminho
perdido de bêbado nos braços de S. Jorge
Nunca te esquecerei doce Bela
Petite fille toute en or*

...nas costas da fotografia. Ouvi o cláxon e a luz dos faróis varreu a sala, apaguei a vela e refugiei-me atrás da parede. Senti a presença de alguém, procurei no espelho, o vulto passou, dei um grito que assustou o Amim colado a mim, acendeu-se o lustre e o Jassil penteou a brilhantina ao espelho. Vamos aonde? perguntei sentado no banco da frente a fumar ritz na station chevrolet do Eli (o fiat seiscentos do Jassil era ridículo) para lá de marraquexe respondeu a sorrir, não dissemos mais nada um ao outro e dormitei o resto do percurso. O aeródromo de Mortágua era um caminho de terra batida, a avioneta com hélice a girar esperava por nós, eu confiava no braço-direito do Eli, galego discreto no seu metro e meio, entrei por baixo da asa e antes de fechar a porta dei-lhe um beijo na cara, hasta siempre li nos seus lábios, o Major Alvega atento à pista não abriu a boca, sentei-me no banco de trás e assim que nos fizemos à pista adormeci...

XIX

A determinada altura não sei fixar realmente quando instalou-se o desinteresse, tanto fazia isto ou aquilo, embora por vezes me assaltasse a dúvida, visto que os adultos incluindo o Eli se animavam a tal ponto com assuntos que não tinham o menor interesse, ignorante? estava-me nas tintas para falar verdade. Sobre esse vaguear (inconsciente) não encontro nada de relevante, eclipse total de lembranças, no entanto admito que na prática tive uma existência bastante complexa que não encaixa nestas páginas, o gozo do nada, comparar-me com as pessoas felizes que não têm história, sentir meio fanada a flor da minha existência. Nessa fase a literatura é de lamentar, compunha-se de chinesices e minúcias, irritava-me o facto de que por mais

que lesse todas as questões existenciais dos grandes escritores permaneciam as mesmas, independentes das épocas, fora do tempo, a semelhança entre este aquele ou aquele outro, basicamente aludiam aos mitos de origem, na fixação dos arquétipos, à presença imudável do inconsciente colectivo e isso preocupava-me ligeiramente. O pecado ocorreu assim que me percebi vulnerável, sobre isso não me vou explicar mas mais tarde tive consciência do mal sem perdão, no entanto reencontrei a satisfação suprema de não existir no lusco-fusco moral, se alguém me perguntar onde está a fonte da moralidade? poderei responder lendo Poetas e Filósofos.

VIII

Joelhos esfolados na pedra húmida, o corpo não suportou o som do tiro, o ser a meu lado chorava baixinho como eu, quem és tu? Respondeu ut sè meuq com a minha voz. A olharmos um para o outro deixei de pensar, Amim chamei ao não-reflexo, todas as emoções eram iguais em ambos, nessa fusão aprendi a comunicar sem palavras som ou imagem, pensava o mesmo que ele com tempos diferentes de reflexão, parecia mais rápido, sentados reflectíamos com a cabeça nos joelhos, fazia ao contrário os mesmos gestos que eu, ouvimos música no outro lado da parede "Avé-Maria" no tecto da sala... Amim imitava os meus dons de maestro, era maravilhoso os nossos braços bailarem simultaneamente ao ritmo da melodia, os instrumentos imaginados entravam na altura certa de vez em quando enganávamos-nos, achámos uma piléria áquilo.

XX

O meu Príncipe da Lapa (*António Vaz Pinto*) enclausurado em decadente palacete não suportava o mundo que também não tinha por ele grande estima, jovem imponente, cento e trinta quilos elevados a um metro e noventa, a tez morena fazia lembrar um mouro, da realeza obviamente, o desmazelo era uma característica de raça, as calças de bombazine literalmente rotas no cu denunciavam desinteresse do corpo perante o desafio da elevação do espírito, esquizofrenia? desde que não se confunda Deus e diabo dizia. Ser mítico do seu quarto dominava o mundo, sabia tudo, absorvia informação com o mesmo prazer que devorava pastéis-de-belém, vivia num universo muito particular que não tinha sido criado directamente por Deus mas pela sua casta de homens durante séculos, pelas suas experiências muito especiais de fadigas e alegrias, possuía uma memória colectiva extremamente robusta, por consequência

perturbava-se ou alegrava-se com coisas que a mim importavam coisíssima nenhuma. Nem à tentação do fausto dos salões, da riqueza do lanche, do álcool à descrição, da vista sobre o tejo na varanda colonial, vacilava a ausência de convidados, passámos a tarde os dois a dividir o binóculo e a flute de Dom Perignon, sei que no fundo gostavam de ter vindo mas são cobardes afirmou com a habitual segurança em que nunca encontrei o mais leve estremeamento. Era diferente talvez parecesse estranho porque atingiu uma etapa para a qual todos os que não são santos aspiram, a do menosprezo dos bens terrenos pela força do hábito, parabéns gordo! os nossos lábios tocaram-se com o Cristo-Rei a sorrir maliciosamente. A leucemia venceu, nos Prazeres o meu ultimo olhar de adeus para as mãos sapudas pousadas no volume excessivo da barriga antes de fecharem o caixão, a realza presente inclusive a Espanhola envergonhada pelo desprezo a que sempre o votaram, na sombra que cobriu os espelhos que imitam a ficção das coisas, para mim o ultimo Nobre morreu.

IX

«We are landing now fasten your seat belt please» o sol nascente espreita a península, o cansaço do piloto camone visível na forma como agarra os comandos, com escala em Badajoz fizemos uma aterragem horrível em Gibraltar, só me lembro que tinha macacos e falavam inglês, bebi coca-cola com o “bife” que me foi buscar ao avião, ar de agente secreto com o cigarro no canto da boca à Bogart, deu-me umas notas esquisitas e desejou good luck kid! embarquei no ferryboat «olha o sol que tens na alma / és a flor de ser feliz / olha o mar na tarde calma / ouve o que ele te diz...» cantarolei no convés. Quando descí do barco pisei outro mundo a cores, Tanger.

«Sur le vide papier que sa blancheur défende» escrevo memórias do tempo inventado, por vezes todo arrumado estou em plena consciência ou dias virado de pernas para o ar um chocalho.

Os olhos fixaram-se na berbere harmoniosa dobrada pelo peso da carga que transportava, comecei a atribuir-lhe as minhas paixões, assim sem mais nem menos, o meu desejo, a melancolia, os seus gemidos e oscilações tornaram-se meus, sou o que quero ser, a corrente humana arrebatou-me, rolo por um minuto no seu turbilhão esse minuto torna-se uma eternidade, as proporções do tempo, do meu ser, estão completamente desordenadas pela multidão e intensidade das sensações, dir-me-ia noutra dimensão enquanto me arrasto

perdido naquela massa «Tagine! Tagine! Cuscus! Cuscus!» a vida transborda nas ruas coloridas, os cheiros mesclam-se nos tectos da medina, tu est content? pergunta constantemente o Moahmmed, que personagem tão bem escolhido para guia da minha iniciação no mundo Arabe, o sorriso inocentemente perverso cativou-me assim que saí do barco, toi Ben-ja-mi moi Moahmmed! entendiamo-nos o melhor possível entre duas criaturas tão diferentes de um francês. Começava a ficar impaciente, do Eli nem sombra, il est lá! sorriu para sul, Vallé des Roses! chegou-me o aroma... Marrocos a sua gente desde logo me conquistou, a alegria nas coisas simples era familiar se ignorasse o fado, reconhecia o brilho no olhar a passividade dos membros, a relativização, as compridas túnicas à Jesus. Achei logo os Berberes mais dados e os Arabes com reservas provavelmente fundamentadas na história em relação aos Cristãos, unia-os sobretudo, a sua fé e a língua do Corão. Cheguei a Tanger no Ramadão, dias lentos, corpos em jejum, ao pôr-do-sol renascia a euforia contida pelo calor e a sede, de noite a festa espalhava-se por todos os cantos.

Assim que pudemos apanhámos o comboio para Marraquexe, a viagem foi um sonho maravilhoso, tonturas de fome deram novo sentido aos pensamentos, havia muitas coisas na vida que me ultrapassavam outras ficavam aquém daquilo que esperava delas, os seres humanos tinham tanto de divino como de blasfémia, dividia-me o amor ao próximo e o florescer do desprezo pela humanidade, o que é que me distinguia da bela rapariguita que exhibia queijo fresco em folhas de palmeira para as janelas do trem? séculos de guerras, reis onipotentes, autos-de-fé, a morte do pensamento, o fausto, a espada, a crucificação. Nela sentia o deserto afrodisíaco, céu imenso, oásis, o silêncio e a miragem, os seus olhos tristes imaginavam outras vidas que conhecia das histórias dos homens contadas nas reuniões do harém, os mesmos príncipes encantados em castelos, as jóias das princesas e as lutas pelo poder. No mundo estava tudo errado, os poucos anos de vida davam-me veleidade para denunciar o erro de Génesis, o Antigo Testamento era um livro de terror, em nada lhe associava um pretexto de que Jesus se pudesse orgulhar. Atormentava-me entalado entre o aroma de rosas que exalava o Mohammed e o fedor do beduíno que ressonava a meu lado, o ar sempre carregado de cheiros, céu azul infinita paleta de aromas marcou-me o olfacto para sempre. Ninguém falava, não se bebia nem se fumava, cada um dolentemente fazia

como o comboio balanços da existência, em cada ser que observava revelava-se-me o seu pensamento «o que é que se passa com os camelos por que é que enganei o irmão com qual das mulheres durmo hoje?» Em alguns por incrível que parecesse só distinguia imagens confusas, de tempos locais fora de si, sem o eu, faltava-me sabedoria para perceber que por aí também se pode caminhar ou inconscientemente assustava a ideia do existir fora de mim. Alma em corpo jovem gradualmente assumia crescente desprezo pela lei, que dava poder ao gordocho e estaladas que classificavam os homens com critérios obscuros e impediam a liberdade. Não me lembro se nessa altura teria consciência do que essas conclusões iriam influenciar a minha existência, o Eli sabia que para além da vida pacífica que me soube dar nos primeiros anos existia um colosso de brutalidade «Poseidon aguarda-te assim que te fizeres ao mar. Não lhe dêes um pretexto para se irritar ou então vais ver a fúria com que te manda vagas obedientes que tudo farão até a jangada naufragar, aí náufrago de ti mesmo acabas por reconhecer o seu poder, ofereces-lhe de joelhos a tua sorte. Deus te acompanhe como único, sem profetas nem falsos santos, os verdadeiros nunca foram reconhecidos no seu tempo e aqueles que hoje os veneram são da mesma casta dos que insultaram Jesus no calvário» o meu pai por vezes era cruel, embora tivesse consciência do perigo caía em tentação de nomear o mal, o esforço supremo de lhe negar a existência vacilava perante o poder do arquétipo dominante.

XXI

«Os meus heróis morreram de overdose os outros estão no poder» insisto em aproximar-me do mundo não me consigo afastar, encontro sempre graça nos gestos, na fala, na alegria forçada como se me fizessem falta, admira-me a inquestionável existência, a qual no fundo apavora, a fuga nas noites, o álcool, as drogas à toa, trabalho que ocupa o tempo, reproduzem-se numa ânsia de projecção, vagabundo chamava-me o Eli que assistia à distância o caos da minha vida. Ansiedade sempre alojada num sítio qualquer que não descubro, a infelicidade «vient de ne pouvoir être seul» tenho medo de perder a magia que me acompanha, parece que vai fugir de mim ou do mundo onde por vezes caminho, quando os dias se tornam vulgares e os pensamentos são banais, quando os valores exteriores se impõem na sua violência e na perversidade dos raciocínios, mas resisto e refugio-me na natureza, a paz do pôr-do-sol na Cova-do-Vapor, afunde-se Lisboa lá ao fundo, o cão a brincar, os amigos de

São João a tomarem banho em contra luz laranja, os sons psicadélicos na floresta a dançar em comunhão, o ónibus para Leblon, o céu de Jerusalém ou Tecoa e o Mar- Morto, Ilha de Moçambique na missa-do-galo e Xai xai e a Avenida Julius Nierere, Veneza e o Lido, o nascer do sol em Marraquexe e o Vale das Rosas que embriagam, comboio para Alverca em dias de chuva, a barraca de pescador no Montijo, São Vicente do Monte-Estoril... grito para os livros em sufoco existencial, alívio a pressão que tenho na Alma, a falta de coragem que me tortura a vontade, não sei se estou perto se longe daquilo que quero ser mas quero apagar os pensamentos tristes e banais «o que pensas é fundamental, revela-te quem és e o que queres. Deixar de querer é a essência de ser, a liberdade de mudar tudo. Não te deixes enredar em pensamentos obscuros, inspira fundo e atira-te para a vida sem expectativa, ninguém sabe o que vai encontrar»

Magia feminina recebe-me sou macho imperfeito filho de leviatã, acaricia-me nos braços da vida surpreendentemente simples. A vontade de declamar para o infinito reclama chamamentos que não são deste mundo. Leva-me espírito para longe da realidade, deixo-me ir montado no Pégaso e procuro um mundo que sei que existe de amor e bondade em tudo. Separando águas entre montanhas cresce imensa paisagem em harmonia, conheço todos os passos do Vale.

A história tem um fim, aqui está o que nunca chegará a dar-se como bem sabes «e depois? escreve que diabo para alguma coisa terás préstimo» poderia ter dito alguém e a vida continua sempre ao acaso como se não tivesse nada a ver com isto.

X

Memória de factos alucinados, imagens, gestos, sons, palavras, cheiros, tudo o que a imaginação permitir, os meus pensamentos tenho a impressão que são mais rápidos que a luz não chegam a um instante, desacelero e meto-me na *gäsch* de sabão, embatem na fina parede de cristal mágico voltam à cabeça e partem com os novos pensamentos, ripostam outra vez até haver tantos dentro da esfera que se esgota o espaço mental, rodopio e o turbilhão de repente revela-se vazio, a bolha eleva-se vagueio no horizonte, a visão tem o papel principal, a luz as cores os contornos da paisagem invadem o ser, deixo de pensar.

Sempre me senti vigiado pela morte, durante anos a sua sombra assustava,

fingia que não a conhecia nos jornais, nos livros e nas conversas dos adultos, respeitosa e ignorava-a e ela simpaticamente retribuía com a ausência até que...

no dia da chegada a Marraquexe o Mohammed fazia anos, a família preparara uma festa no armazém forrado a tapetes do tio Yacoub, dançámos descalços ritmos alegres de estranho folclore masculino, em roda desenrolávamos cordas imaginárias da cintura que puxava o parceiro, na dança gritos irreproduzíveis fora do contexto encorpavam a música de acordes cheios e alegres, a unidade do sexo conferia estranha pureza à festa e a minha alegria era total, tu est content, tu est content? repetia intervaladamente o meu amigo como eco da noite mágica. Nessa tarde fomos a banhos, deitado no mármore recebia com prazer doloroso água a ferver que o magrebino projectava do balde enchido no tanque, antes do contacto chegava pela pedra uma onda de calor dormente como nevoeiro que antecede tempestade. Massajou-me com as mãos ásperas de toque firme, deixei-me ir na languidez que o corpo pedia, Mohammed esfregava-me com uma rosa do vale, o seu sorriso franco contagiava, ríamos como dois putos. A diferença no tamanho dos sexos era abissal, ressentia-me da perfeição dos músculos no corpo acobreado, esguio, as medidas da pila negra contrastavam com a pele branca desenxabida e o cotozito entre as minhas pernas. Em seres tão diferentes revelava-se a comunhão dos espíritos. O chamamento interrompeu o banho, fui rezar a Allah sem ter sido apresentado, dobrado no tapete da mesquita como todos os fiéis senti a Presença e reconheci o mesmo Deus em que acreditava, o pai de Jesus, o Eli de todos nós.

Mohammed morreu na noite fim de festa foi atropelado por uma viatura do Estado, o corpo desapareceu num ápice como se nunca tivesse existido, caído na berma do passeio olhava o Atlas, as Lágrimas derretiam a neve. Vagueei perdido na Medina, não encontrei o local da festa mas achei um camaleão bebé que meti no bolso da jelaba. Confuso tudo acontecia em torrentes de emoção sem controlo, levaram o Eli, Ulisses morreu, conheci Odília e o Amim, o Jassilman meteu-me no avião e acordei em Gibraltar, parti para Tanger e de comboio para Marraquexe onde dei de caras com a morte, raios e coriscos onde é que será o Vale das Rosas?

Na Place Jemaa el-fna recebi algumas moedas que atiraram para a túnica entre as pernas onde repousava Kundalini a serpente/camaleão. Apeteceu-me

deixar de viver, todos os eus fraquejaram, aquele que empurra para a frente hesitou, o que equilibra caiu estatelado no chão, eu bondoso andava pelas ruas da amargura, o vaidoso era um fio de marioneta que suspendia o corpo mole, mas de repente «I was possessed with a passion to discover» os bicos do peito marcados na túnica translúcida que ela usava formigaram-me o corpo todo, assistimos à progénie do meu sexo, não senti vergonha quando sorriu para o volume que crescia entre pernas e empurrava o dragão para o lado, o seu cabelo «*It was blacker than the raven wings of midnight*», Houri levou a mãozinha ao coração e perguntou Comme's'apelle toi? pensamento amigo diz-lhe tudo e deixa-me sozinho, Ben-ja-mi! com o coração a saltar-me na mão, a minha sexualidade era até aí muitas sensações desarrumadas.

Isaac Assor não olhava para nós, escutava acariciando a barba de profeta com o desinteresse de quem estava habituado a ser surpreendido pela rebelde Houri, que narrava atabalhoadamente em hebraico a história que eu lhe tinha contado em mau Francês. No *mellah* Marrocos era diferente, sóbrio, a luz mais calma, havia organização, na loja a clientela era selecta, as traseiras casa da família tinha rituais próprios, aproximava-se o Shabat por isso fomos adiados por tempo indeterminado na reflexão do rabino. Pão, sal, oração, comida kosher, o sabor da água embriagou-me de emoção, estive no mundo da Alice onde só algumas crianças vão.

De noite olhei pela janela do quarto para o estranho cemitério que trocava flores por pedras, no céu estrelado procurei Marte, a saudade alojou-se na glote, tinha dificuldade em respirar, Houri abraçou-me e agarrou-me o sexo que lhe cresceu na mão com à-vontade, beijou-me na boca e onde menos esperava... o corpo explodiu sensações novas um novo sentido uma nova entidade foi acrescentada à minha Alma,

*«Não sei se era teu seio ilha encantada
Paraíso de canto,
De perfume, d'amor e formosura
Se um templo à beira-mar, um templo Santo
De luz e aroma cheio
Não sei! pois sabe alguém sua ventura?
Mas dormiu embalada no teu seio
Minh'alma sossegada»*

XXII

Que palavras posso escolher para a morte? esse homem era filho legítimo de Deus, Mercúrio astro-rei leva contigo o herdeiro de Horus dos Deuses indianos e dos Budas, um exagero diria o Jassil, mas era o que sentia. Os espíritos guardam-me o sorriso «devemos entrar na morte como quem entra numa festa. Não há na terra uma só coisa que seja mortal que não projecte a sua sombra eternamente» os meus tios em angústia de não saber estar, ar ausente, respeitoso, próprio dos gatos-pingados, dor na face de quem perdeu familiar de quem nunca se conseguiram aproximar. O poeta amigo pousa a mão forte no meu ombro, tem as mesmas angústias do Eli. A senhora judia chora baixinho. Nossa Senhora das Flores inunda o cemitério de rosas. Cai chuva de pedras. A flor de Lotus bordada e o poema de Hölderlin que o Eli adorava na manta escarlate que cobre o caixão «carentes de destino como o recém-nascido que dorme respiram os Celestes. Castamente preservados no botão humilde da flor. Neles floresce eternamente o Espírito» (Amim nalguns reflexos chora) a vida é a arte entre as artes visto pôr ao seu serviço todas as outras, nesse sentido ele era artista, acreditava que o mundo dos sonhos pode alcançar tal densidade que um dia ganha forma dando lugar ao maravilhoso, o encantamento é uma das qualidades essenciais no homem, sem ele a vida transforma-se num mero exercício de estilo, sem magia na vida ninguém conseguirá impedir a marcha triunfal da vulgaridade universal, as rotinas dos homens, a pressa, a sua seriedade não são decerto mais que uma ilusão de óptica, ou eu estou errado ou então todos os outros! procurava a perspectiva em que as coisas eram boas, divertia-se com isso, chamava-lhe consciência do prazer «ainda não perdi a esperança que o Céu seja biblioteca infinita consultada pelo espírito eterno sem pecado, angústia, ou qualquer tipo de emoção. Ler o cosmos liberto de mim já imaginaste?» escrevia na última carta que enviou com o selo de Ouarzazate «estão todos aqui! a senhora gorda da fotografia na Taboadela que ninguém sabe ao certo onde encaixa no nosso passado lembraste? está sentada a meu lado. O ehrlich rezingão que escrevia à máquina nas divisões vazias da casa veio-me visitar. Ulisses tem o focinho pousado no pé descalço, adora o meu cheiro. Todos os nossos Espíritos. A tua mãe presente desgostosa a minha passagem «Ein seliger sprung in die ewigkeit» um salto bem aventurado para a eternidade diria o dr Belarmino. Nesta vida fui frequentemente surpreendido com a beleza e a

felicidade que mais pode querer o ser humano imperfeito? posso dizer que Deus aguarda-me em tudo o que Ele é, morrer não é tão mau como se pensa» Glenn Gould toca Bach no radio da station, eleva-me ao estado de Alma em que o consigo compreender, Elli Elli lema sabatchni grito debaixo da ponte sobre o Tejo.

XI

Em Marraquexe senti vontade de juntar todos, mesmo aqueles que o foram apenas por instantes, numa igreja sem tecto para dar lugar aos Espíritos que conhecia, na presença de Cristo cigano e vagabundo em silêncio recapitularíamos os acontecimentos. Até aí a presença da minha mãe não se manifestara nos pensamentos era uma sombra ténue que vagueava sem lógica, um calor morno que por vezes atravessava o corpo deitado na cama. A sucessão de acontecimentos não dava muito tempo para pensar mas por vezes sentia-me cruel ao esquecer os que pertenciam à minha vida, algo dentro de mim condenava o facto de não ter chorado o suficiente a morte de Ulisses e do Mohammed. A consciência inocente atrapalhava-se nos pensamentos, gradualmente tornava-se cínica contra vontade. Faltava-me conhecimento no caminho que não dava para recuar e no qual fui largado antes do tempo. Os seres humanos surpreendiam-me de imprevisíveis, tão depressa doces como Houri e amargos como o Isaac, embora em momentos específicos manifestassem o contrário «formou Deus o homem e o pôs num paraíso de delícias. Tornou a formá-lo a sociedade e o pôs num inferno de tolices»

Houri era meio destrambelhada mas quer se calasse para meu encanto ou falasse para meu êxtase não me esquecia dos seus olhos. Não parava, fugia do tempo, nunca estava em lugar algum mais do que uns instantes, encontrava sempre pretexto para sair de casa, quando os argumentos não convenciam o velho desaparecia pura e simplesmente, de dia os movimentos eram lânguidos à noite de felino, reaparecia pela janela do quarto onde dormíamos, uma noite depois de termos experimentado sensações novas debaixo dos cobertores que eriçavam a penugem, levantou-se de um salto, vestiu a calça de malha que se colava ao corpo esguio, a t-shirt rasgada com o símbolo da Nike e esgueirou-se pela janela, enrolado na manta contemplei o vulto saltitando entre as campas do cemitério lá em baixo, parou junto à estranha luz que emanava da sepultura recente, branca como nevoeiro mas mais ténue e brilhante, subia

lentamente sem se desfazer em direcção ao céu, ela abriu os braços e foi envolvida pela luz astral, o corpo iluminou-se. Voltei para a cama todo arrepiado, não demorou a chegar e estranho odor invadiu o quarto, todo o temor se dissolveu no abraço em que me envolveu, os corpos levitaram ouvi anjos a cantar sonhei imagens de uma vida que não era minha.

Isaac resolveu despachar-me dali o mais rapidamente possível, cara de cristão e sem papéis, testemunha na morte do Mohammed... tudo demasiado vago, suspeito para homem habituado a ter o controlo da situação, mais importante que o resto era a cada vez mais óbvia ligação entre mim e Houri não ser tão inocente como deveria pelas idades ser. Ela não tinha ideia das origens, a única certeza era que aquele homem não era seu pai, ele próprio já tinha confirmado que não saíra do ventre da sua falecida mulher, chamava-lhe vagabunda ela dizia-se um Malakl pousado a crescer naquela casa para tomar conta do rabino, versão que de todo comovia o velho que tinha por hábito praguejar por tudo por nada, na prática dava imenso jeito na lida da casa que desempenhava com desenvoltura de mulher feita. Ao fim-de-semana tarefas interrompidas, acções condenadas, a passividade e reflexão dominavam a atmosfera numa agradável paragem de tempo. Guardo a quipá que usei na sinagoga secreta dos habitantes desse bairro, o cântico, a reza, a Tora, o Isaac a meu lado aproximavam o Divino. Na galeria das mulheres Houri dizia adeus «existência é a relação dramática com a divindade, aceita a plena responsabilidade de viver com esse secreto destino. Descobre-te. Não há explicação possível entre a existência e o Espírito. Nem o saber, nem os rituais da igreja estabelecida possuem degraus que conduzam à presença de Deus. Encontras-te só em face do eterno, sem intermediários. Saltares existencialmente é ganhares ou perderes a relação com o absoluto. A vida é a prova que te confronta muitas vezes com o contrário de ti - Ser Espiritual» ouvi o Eli dizer.

Gostava da praça ao entardecer, de manhã vendiam-se sobretudo especiarias e laranjas mas ao fim do dia o movimento atingia o auge transformando-se no palco de um gigantesco e variado espectáculo ao ar-livre em que os espectadores se tornam parte do elenco, entre aromas, encantadores de serpentes, macacos, músicos, bailarinos, contadores de histórias e videntes.

Isaac sondou o chefe da polícia que habitualmente o visitava sobre a viatura governamental que tinha atropelado o meu guia, havia ordens superiores para

se abafar o caso como se nunca tivesse existido, desconheciam qualquer testemunha do acidente, o que para o meu lado evitava sérios problemas na perspectiva deles. Sobre o paradeiro do Eli, a relação que existia entre ele e o Mohammed talvez ajudasse a pesquisa só que não era fácil a comunicação para lá do Atlas.

XXIII

« As três juntas entre si não se servem da voz. A mais velha parece gemer os seus olhos ora meigos agudos assustados adormecidos erguem-se para as nuvens, por vezes parece que acusa o céu, traz um diadema na cabeça. A segunda na frente não há diadema, os olhos se pudesse vê-los não pareceriam nem meigos nem agudos apenas encontraria uma massa confusa de sonhos meio mortos, nunca os levanta, a cabeça envolta num turbante de farrapos cai constantemente, de vez em quando suspira ininteligivelmente. A terceira mais nova, por baixo do triplo véu de crepe pode ver-se luz selvagem que escapa dos olhos, luz de desespero flamejante como a desafiar Deus» a sua presença atormenta-me o coração mas revela as faculdades do meu espírito, a primeira toca-me na cabeça começo a chorar, a segunda pega-me na mão e solto um suspiro, a terceira afasta-se a saltar com a agilidade de um felino.

fim